

PREFEITURA DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
APRESENTAM

VOLTAIRE DEUS ME LIVRE E GUARDE

COMÉDIA MUSICAL de OSWALDO MENDES

Direção de MÁRIKA GIDALI

NÃO DIGO QUE SIM NEM DIGO QUE NÃO

O *Dicionário Filosófico* de Voltaire, do qual extrai parte do diálogo inicial entre Logômaco e Dondindac, inspirou esta comédia. Fora essa breve referência, o escritor e filósofo francês não pode ser responsabilizado por nenhuma outra heresia contida em **Voltaire – Deus me Livre e Guarde**. Mas espero ter sido fiel às suas idéias e à sua crença de que pelo riso e pela sátira questões filosóficas podem melhor ser expostas e discutidas.

Depois de 220 anos da morte de Voltaire (1694-1778), suas indagações sobre questões como Deus, fé e religião adquirem uma contundente atualidade. Questões presentes ainda hoje em conflitos nacionais e internacionais e em nosso cotidiano, como se constata nas ruas, no noticiário da imprensa, na televisão e no crescimento das seitas e correntes pentecostais. E ninguém combateu o fanatismo religioso mais intensamente que Voltaire. Não que fosse um ateu, pagão ou herege. “Se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo”, dizia. Era, sim, um homem de fé, porém, contrário a tudo e a todos que sufocavam e sufocam a razão. Neste ponto, ele se parece com Dondindac, personagem central de **Voltaire – Deus me Livre e Guarde**, que vive dizendo “eu não sou bom” e “não digo que sim nem digo que não”, em resposta ao mestre teólogo, para quem o seu erro “é pensar demais; não precisa, basta aceitar a verdade e a verdade te iluminará”.

Frasista dos melhores, Voltaire sintetizava muitas vezes seus pensamentos em poucas palavras, em chistes e tiradas que se tornariam populares mundo afora. Isso lhe valeu a acusação de ser um filósofo menor. Ao que ele respondia comparando-se aos “pequenos córregos: eles são transparentes por não serem muito profundos”. É esta também a ambição de **Voltaire – Deus me Livre e Guarde**, como certamente ele aprovaria: pelo divertimento e o riso, pela música e a dança, como um pequeno córrego, levar o público a redescobrir o prazer de mergulhar no mundo das idéias, da razão, e não permitir que ninguém use a sua fé para domesticá-lo. Mas se alguém se sentir ferido em sua crença ou em seu sentimento religioso, não terá sido essa a intenção, nem se responsabilize Voltaire por isso.

OSWALDO MENDES

OSWALDO MENDES - Jornalista (jornais *Última Hora* e *Folha de S. Paulo*, revista *Visão*) e um dos fundadores da Associação Paulista de Críticos de Arte - APCA, formou-se ator em 1971 pela Escola de Arte Dramática de São Paulo. Escreveu, entre outras peças, *Um Tiro no Coração*, *Brecht Segundo Brecht*, *Revista do Henfil* e *Noite na Taverna*. Dirigiu, entre outros, os espetáculos *Brecht Segundo Brecht* com Armando Bogus, *Sinal de Vida* com Antônio Fagundes, *Natal na Praça* com Etty Fraser e *Bang-Bang* com Walderez de Barros, *A Louca do Bordel* com a cantora Célia e *Essa Mulher* com Elis Regina. Autor do livro *Ademar Guerra: O Teatro de um Homem Só* (Editora Senac), indicado para os prêmios Shell e Mambembe de 1997.

Voltaire - Deus me Livre e Guarde

autor **Oswaldo Mendes**

direção geral **Márika Gidali**

coreografia e sons adicionais **Décio Otero**
músicas e direção musical **Paulo Herculano**

cenário e figurinos **Márcio Tadeu**
letras das músicas **Oswaldo Mendes**

design de luz **Edgard Duprat**

sonoplastia **Tunica e Aline**

elenco

Márcio Tadeu	Carolina Santiago
Marcília Rosário	Débora Salgueiro
Oswaldo Mendes	Delphyno Nunes
George Passos	Janice Sílvia
Alessandra Bottega	Marcello Ferreira
André Falcão	Marcos Cardoso
	May Malveira

produção e administração **Ameir de Paula Barbosa**

pesquisas **Fábio Villardi e Ademar Dorneles**
preparação de corpo **Débora Salgueiro e Delphyno Nunes**

operador de som **Daniel Gomes Esteves**

operador de luz **Nata Araújo**

gravação da trilha sonora **Estúdio Rádio Nacional**

programação visual **Antonio Barbosa**

fotos **Roberto Cosulich**

promoção **Geralda Bezerra Araújo**

assistente de produção **Maria José Aziz**

assistente de administração **Sônia Corban**

realização

GRUPO TEATRO SEM NOME
Cooperativa Paulista de Teatro

Agradecimentos

Diretores e Funcionários	Maria José Sommer
do Centro Cultural São Paulo	Miriam Bolsoni
Diretores, funcionários	Nicão
e bailarinos do Ballet Stagium	Paula Perillo
Carmela Caputo	Paulo A. de Souza
César Castanho	Plínio Rhigon
Fernando Augusto Júnior	Reinaldo Santiago
Home Center Uemura - Ricardo	Sebastião Milaré
Jacyra Octaviano	Sueli Corte Real Castanho
José Álvaro Moisés	Walderez de Barros
Maria A. Salto C. Penteado	Wanderley Araújo Moura
Maria Bonomi	e
	Ademar Guerra (em memória)

Encontros & reencontros

Os integrantes da equipe de criação de *Voltaire - Deus me Livre e Guarde* trabalham juntos há várias décadas. A começar pela diretora **Márika Gidali**, premiada bailarina e coreógrafa de memoráveis espetáculos como *Marat/Sade*, *Hair*, *Revista do Henfil* e *Saudade do Brasil* (show de Elis Regina), que recebeu todos os mais importantes prêmios da dança e do teatro no Brasil. Ela fundou o Ballet Stagium, em 1971, com o bailarino e coreógrafo **Décio Otero**, um dos pioneiros da dança-teatro no Brasil, com *Jerusalém*, *Kuarup* e *Quebradas do Mundaréu* (*Navalha na Carne* de Plínio Marcos), e dos primeiros a incluir compositores de MPB, como Egberto Gismonti e Milton Nascimento, na dança. No Stagium se formou **Edgard Duprat**, que deixou a carreira de bailarino mas continua ligado à dança, criando a iluminação de todos os espetáculos da companhia.

Na sua primeira e premiada coreografia para teatro, *Oh, Que Delícia de Guerra* em 1966, Márika Gidali conheceu o maestro e compositor **Paulo Herculano**, que realizava um de seus primeiros trabalhos de direção musical. Eles se reencontrariam em *Mahagonny* de Brecht, em 1976, quando o então jovem ator **Márcio Tadeu**, revelado em *Na Carreira do Divino*, estreou como cenógrafo e figurinista. Desde então Márcio realizou inúmeros trabalhos para o Ballet Stagium, ao mesmo tempo em que se dedicou às atividades de ator e de professor de teatro da Unicamp, onde leciona há quase duas décadas.

Em *Voltaire* Márcio Tadeu reencontra a atriz **Marcília Rosário** com quem trabalhou em *Na Carreira do Divino* e formou nos anos 70, ao lado de Celso Nunes, Reinaldo Santiago e Adilson de Barros, o grupo Pessoal do Victor e o autor e ator **Oswaldo Mendes**. Márcio assinou cenários e figurinos dos espetáculos *A Louca do Bordel* com a cantora Célia e *Bang-Bang* com Walderez de Barros dirigidos por Oswaldo, que estreou como ator em *Missa Leiga*, em 1972, com coreografia de Márika Gidali e direção de Ademar Guerra. Márika e Oswaldo Mendes reencontram agora a produtora e administradora cultural **Ameir de Paula Barbosa**, com rica experiência nacional e internacional. Eles se conheceram em 1978 na *Revista do Henfil*, espetáculo de Ademar Guerra, que dá nome ao espaço do Centro Cultural São Paulo onde estréia *Voltaire*. E Ameir reencontra Márcio e Marcília, seus amigos e parceiros de *Na Carreira do Divino*, que estreou no Teatro Ruth Escobar então por ela administrado.

A eles juntou-se **Tunica**, amiga de Oswaldo Mendes desde os tempos em que ele cursava a Escola de Arte Dramática, na qual está se formando **George Passos**, ator que estréia profissionalmente mas já desenvolve intenso trabalho também como autor e diretor. Por antigas relações profissionais e de amizade, reuniram-se a esses velhos amigos os atores **Alessandra Bottega**, **André Falcão** e **Marcos Cardoso** os também atores e bailarinos **Débora Salgueiro**, professora no Ballet Stagium e assistente de coreografia, **Delphyno Nunes**, **May Malveira** e **Carolina Santiago** e os estreantes **Janice Sílvia** e **Marcello Ferreira**. Formou-se assim, nesses encontros e reencontros, o grupo que torna possível o espetáculo *Voltaire - Deus me Livre e Guarde*. Um grupo movido pela mesma alegria e fé no teatro. Que o espetáculo seja também, para o espectador, uma possibilidade de encontros e reencontros.



Voltaire morreu “adorando a Deus e detestando a superstição”, conforme declarou por escrito. Para ele, superstição não era apenas o sentimento produzido pela ignorância, mas o meio de vida de muita gente supostamente “santa”. Muito antes, colocara na boca de um personagem a convicção de que “nossos padres não são o que pensam os simples; sua erudição nada mais é do que a nossa credulidade”.

Ao evocar Voltaire no título da sua comédia, Oswaldo Mendes estabelece um plano para o entendimento da obra, implicando o “saneamento” da relação do homem com o Divino, relação constantemente poluída por intermediários gananciosos, que nunca faltaram e hoje abundam, abrem templos em qualquer biboca, atacam pelo rádio, tv, internet...

Não é “comédia de costumes”, como a estrutura simples e a tipologia popular podem sugerir. Não se preocupa com a “cor local”, seja da paisagem ou dos hábitos sociais, mas com questões profundas do homem de qualquer lugar e tempo. Dentro dessa estrutura, há um pensamento sofisticado movendo a trama e provocando a imaginação do espectador. Lembra um auto medieval, em que a divindade comparece para colocar os fiéis nos trilhos, mas construído num recorte brechtiano: a fábula é exposta de maneira didática e reveladora do jogo teatral. Neste sentido, a entrada de Deus, com truques visando a impressionar o cético Dondindac, é exemplar. Tanto pela abordagem temática quanto pela fatura dramatúrgica, *Voltaire – Deus me Livre e Guarde* é obra de intensa atualidade e uma grata surpresa.

SEBASTIÃO MILARÉ

Sebastião Milaré é crítico teatral e ensaísta, autor, entre outros, do livro “Antunes Filho – A Dimensão Utópica” (Ed. Perspectiva)

7

há três anos

Oswaldo nos convidou para a leitura da peça **Voltaire - Deus me Livre e Guarde**. Fomos à Oficina Cultural Mazzaropi no Brás, Décio (*Otero*), Fábio (*Villard*) e Ademar (*Dorneles*) que mais tarde discutiríamos comigo todas as idéias do espetáculo na expectativa de apoiar o amigo, como sempre fazemos. Isso, aliás, é uma espécie de compromisso não contratual mas de verdadeira amizade, pois existe um elo entre nós e alguns outros, que é o Ademar Guerra. Me lembro que gostamos muito da leitura. Enfim, foi uma vitória do nosso amigo.

Algum tempo depois o Oswaldo começa a divulgar a intenção de me convidar para dirigir a peça. Eu estava no meio de uma das viagens do Ballet Stagium pelo Brasil quando a notícia me alcançou. Achei muito gozada a idéia, mas não tinha intenção de aceitá-la. Mas, como está escrito na peça, Deus põe e o homem dispõe. De repente estou aqui com a peça pronta, coreografada, cantada, representada por um elenco indescritivelmente fantástico (me lembra o Stagium dos anos 70). A experiência de trabalhar com Décio com quem divido a minha vida por inteiro coreografando para teatro, Paulinho (*Herculano*) que me reporta para tantos trabalhos que fizemos juntos, Márcio (*Tadeu*) que faz parte da história do Stagium, Edgar (*Duprat*) que passou a ser meu braço direito e, enfim, Oswaldo, a quem na verdade dedico todo esse esforço, esperando não decepcioná-lo pela confiança depositada em mim. "Então é isso o amor?" Não sei, mas que foi um processo fantástico é inegável.

MÁRIKA GIDALI